

# Surdos de diáspora: uma possível in/exclusão pela variação linguística

Deaf of diaspora: a possible in/exclusion  
because the linguistic variation

**Hector Renan da Silveira Calixto**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[hectorscalixto@gmail.com](mailto:hectorscalixto@gmail.com)

**Huber Kline Guedes Lobato**

Universidade Federal do Pará

[huberkline@gmail.com](mailto:huberkline@gmail.com)

**Gladis Teresinha Taschetto Perlin**

Universidade Federal de Santa Catarina

[gladisperlin@hotmail.com](mailto:gladisperlin@hotmail.com)

**Resumo:**

Este estudo trata da temática dos surdos de diáspora, tendo como problema: como surdos diaspóricos percebem a variação linguística da Libras em nosso país? O interesse sobre as percepções de surdos diaspóricos sobre a variação linguística da Libras teve como principal objetivo identificar e analisar as percepções de surdos diaspóricos acerca da variação linguística da Libras em nosso país. De forma específica buscou-se analisar como estes surdos lidam com a (não) aceitação da sua sinalização enquanto surdos de diáspora; verificar a influência sociocultural aos surdos de diáspora; e identificar os modos de divulgação de neologismos na Libras. Como base teórico-epistemológica sobre a "Diáspora" foca-se nos conceitos apresentados nos estudos de James Clifford (1994) e Stuart Hall (2003), com algumas contribuições do estudo de Bhabha (1998), que remetem a teoria da transposição de fronteiras e das forças de poder ou redes de diáspora presentes em contextos históricos de deslocamento. Optou-se por uma metodologia qualitativa, baseada em entrevistas, para a apreensão das percepções de 3 (três) indivíduos surdos. Foi possível identificar nas entrevistas três categorias de identificações temáticas: a) a (não) aceitação da sinalização de surdos de diáspora; b) a influência sociocultural aos surdos de diáspora; e c) os modos de divulgação de neologismos na Libras. Percebeu-se um sentimento de não estar em casa entre os surdos diaspóricos, advindos de uma possível exclusão por parte das comunidades locais de surdos, apontando para uma não valorização das diferenças e impossibilitando a existência de espaços mais harmônicos de convivência entre surdo diaspórico e surdo local.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Relações sociais. Língua Brasileira de Sinais. Surdos de diáspora.

**Abstract:**

This study deal with the theme of the deaf diaspora, having as a problem: how do diasporic deaf people see the linguistic variation of Libras in our country? The interest on the perceptions of diasporic deaf people on the linguistic variation of Libras had as main objective to identify and analyze the perceptions of the diasporic deaf people about the linguistic variation of Libras in our country. In a specific goal, we aim to analyze how these deaf people deal with the (non) acceptance of their signaling as deaf diasporas; to verify the socio-cultural influence of the deaf diasporas; and to identify the ways of spreading neologisms in Libras. As a theoretical-epistemological basis on the "Diaspora" it focuses on the concepts presented in the studies of James Clifford (1994) and Stuart Hall (2003), with some contributions from the study of Bhabha (1998), which refer to the theory of border transposition and the forces of diasporic power or networks present in historical contexts of displacement. We chose a qualitative methodology, based on interviews, for the apprehension of the perceptions of three (3) deaf individuals. It was possible to identify in the interviews three categories of thematic identifications: a) the (non) acceptance of the signaling of deaf diasporas; b) the socio-cultural influence of the deaf diaspora; and c) the ways of spreading neologisms in Libras. There was a feeling of not being at home among the diasporic deaf, resulting from a possible exclusion by native deaf communities, pointing to a non-appreciation of differences and making it impossible to have more harmonious spaces of coexistence between diasporic deafs and natives deafs.

**Keywords:** Linguistic variation. Social relations. Brazilian sign language. Deaf diasporas.

## **I**ntrodução à abordagem

A motivação que nos fez produzir este trabalho surgiu de conversas formais e informais tidas com surdos que residem em localidades diferenciadas de nosso país. Tais conversas revelam que os sinais que alguns surdos, vindos de outros estados, introduzem nas conversas locais, em Língua Brasileira de Sinais (Libras), são diferentes ou apresentam variáveis, modificando ou introduzindo outras formas de sinalização no contexto regional local.

Para entender estes fenômenos nos servimos de conceitos de Hall (2003) e Clifford (1994), com algumas contribuições do estudo de Bhabha (1998), que apontam para as diásporas como motivadoras de significados determinados em momentos históricos e espaços de negociação. Desta forma, no presente estudo torna-se necessário compreendermos, a partir do que narram alguns surdos diaspóricos, as negociações em situações conflituosas e contraditórias entre surdos de diferentes contextos regionais.

Este estudo pauta-se no problema: como surdos diaspóricos percebem a variação linguística da Libras em nosso país? O interesse sobre as percepções de surdos diaspóricos sobre a variação linguística da Libras, desdobra-se em querer revelar: como estes surdos lidam com a (não) aceitação da sua sinalização enquanto surdos de diáspora? Qual a influência sociocultural aos surdos de diáspora? Quais os modos de divulgação de neologismos na Libras?

O presente estudo tem como principal objetivo identificar e analisar as percepções de surdos diaspóricos acerca da variação linguística da Libras em nosso país. De forma específica, buscou-se analisar como estes surdos lidam com a (não) aceitação da sua sinalização enquanto surdos de diáspora; verificar a influência sociocultural aos surdos de diáspora; e identificar os modos de divulgação de neologismos na Libras.

Utilizamos-nos de uma metodologia qualitativa, baseada em entrevistas, para a apreensão das percepções de 3 (três) indivíduos surdos, a fim de identificar, a partir do que narram estes surdos diaspóricos a respeito das negociações que ocorrem e as situações conflituosas e contraditórias que os acompanham.

Para abordarmos sobre as percepções de surdos diaspóricos acerca da variação linguística da Libras, torna-se imprescindível, inicialmente, realizarmos discussões sobre o conceito de diáspora com base em Hall (2003) e Clifford (1994), bem como discutirmos a respeito da variação na línguas de sinais de nosso país.

## 1. A dimensão da cultura – o surdo diaspórico

Conforme Perlin (2001), as identidades surdas de diáspora estão presentes entre os surdos que passam de um país a outro, ou inclusive passam de um estado brasileiro a outro, ou ainda de um grupo de surdos a outro. Essa identidade pode ser percebida como: o surdo carioca, o surdo brasileiro, o surdo norte-americano em um determinado lugar. No seio de cada país, estado ou região há surdos de determinados contextos territoriais, mas há também aqueles que, vindos de outras regiões, passaram a morar a partir de um certo período em um novo lugar. Tais surdos serão denominados neste artigo de surdos diaspóricos. Mas o que entendemos por diáspora? O que vem a ser surdos diaspóricos?

Hall (2003) propõe que a essência do conceito de diáspora está descrita sob: “a história moderna do povo judeu (de onde o termo ‘diáspora’ se derivou)” (HALL, 2003, p. 28). Sendo assim, este conceito relaciona-se:

A versão da história no Velho Testamento. Lá encontramos o análogo, crucial para a nossa história, do "povo escolhido", violentamente levado a escravidão no "Egito"; de seu "sofrimento" nas mãos da "Babilônia"; da liderança de Moisés, seguida pelo Grande Êxodo (HALL, 2003, p. 28-29).

O autor vai mais longe e afirma que o conceito fechado de diáspora se fundamenta “sob uma concepção binária da diferença. Está fundado sob a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida sobre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p. 33).

Este último enunciado diz respeito não somente ao cruzamento de fronteiras, mas às identidades, à cultura, ao espaço de negociação. Assim, entendemos que a conceituação de diáspora se refere a indivíduos, comunidades ou povos que se encontram dispersos ou fora do seu lugar de origem ou terra natal, com sua cultura e em espaço de negociação, que às vezes impõe maior ou menor carga de sofrimento com a experiência diaspórica.

Seguindo os postulados de Hall (2003), é possível entender que a diáspora pode intervir na concepção de identidade cultural de um povo. Assim, os indivíduos surdos que também passam por este fenômeno diaspórico são afetados em muitos elementos ou, como queremos, nos aspectos culturais e linguísticos. Tal afetação tanto pode motivar uma resistência, ou uma resiliência diaspórica, ou seja, os habitantes locais podem resistir a mudança provocando fechamento da cultura local, ou aceitar os traços diaspóricos, desta forma, tal diferença cultural motiva a alteridade cultural.

Uma outra versão para o termo diáspora está relacionada a embates em espaços de negociação, que acontecem no encontro de indivíduos, comunidades ou povos.

Conforme Clifford (1994), o conceito não é somente de transnacionalidade e movimento cultural e identitário, mas também de lutas políticas que são extremamente visíveis nestes espaços de negociação.

Os espaços de negociação que acontecem na diáspora de pessoas surdas são constituídos mediante lutas políticas entre o surdo local e o surdo diaspórico<sup>1</sup>. Estes sujeitos diaspóricos são advindos de outros espaços urbanos, que muitas vezes se posicionam com o objetivo de introduzir seu capital cultural nos espaços outros, como também raramente aceitam significados culturais do lugar e resistem a uma espécie de hibridização. No entanto, os surdos diaspóricos também apresentam certa identificação com o surdo local, por compartilharem experiências semelhantes que acompanham os surdos em qualquer território, nacional ou internacional. A este respeito, Clifford (1994) aponta para a constituição de uma consciência diaspórica:

Diaspora consciousness is thus constituted both negatively and positively. It is constituted negatively by experiences of discrimination and exclusion. [...] Diaspora consciousness is produced positively through identification with world historical cultural/political forces. [...] Diasporical consciousness live loss and hope as a defining tension<sup>2</sup> (CLIFFORD, 1994, p. 311-312).

Desta forma, essa negociação é estabelecida em função da presença dessa consciência diaspórica, de que o surdo local compartilha essas forças históricas culturais e políticas, gerando uma aceitação da presença dos sujeitos diaspóricos. Ao mesmo tempo essas forças produzem discriminação em relação ao surdo diaspórico relacionada a sua sinalização diferenciada, podendo ocorrer episódios de exclusão deste na comunidade surda local.

De acordo com estes pressupostos e por entendermos que a Libras é um artefato cultural dos surdos, optamos em realizar este estudo a partir dos espaços de negociação linguística entre surdos locais e surdos diaspóricos. Assim, buscamos estudar com base em tais espaços, as negociações que acontecem na diáspora de pessoas surdas sobre uma língua que vem da soma das línguas de sinais dos diferentes estados brasileiros e que é composta por uma variedade de línguas de sinais. Estas línguas de sinais contêm variações linguísticas, de região para região, ou estado para estado dentro de nosso país.

---

<sup>1</sup> Consideramos surdo local aquele que está presente na comunidade surda da qual se origina a sua língua de sinais, sendo que utiliza esta língua de forma semelhante aos demais surdos desta localidade; o surdo diaspórico é considerado, neste trabalho, como aquele externo a determinada comunidade e que, por necessidades diversas, precisa se inserir nesta localidade e estabelecer relação com os demais surdos por meio da língua de sinais.

<sup>2</sup> A consciência da diáspora é assim constituída negativamente e positivamente. É constituída negativamente pelas experiências de discriminação e exclusão. [...] A consciência da diáspora produz-se positivamente através da identificação com as forças históricas culturais / políticas do mundo. [...] A consciência diaspórica vive a perda e a esperança como uma tensão definidora (Tradução dos autores).

## 2. Na Língua Brasileira de Sinais – a variação linguística

O campo de estudos das línguas cresceu bastante nos últimos anos. Hoje, entendemos que a Libras se constitui de línguas de sinais nativas de pequenas comunidades distantes dos grandes centros urbanos e línguas de sinais originárias de outros países, das quais constituímos a língua de sinais nacional ou a Libras.

Segundo relatam Leite e Quadros (2014), até 1960 o estatuto linguístico das línguas de sinais era questionado e fugia de credibilidade para um sério estudo linguístico. Com os estudos pioneiros realizados por Stokoe (1960), foram apresentadas evidências de que a ASL (*American Sign Language* – Língua Americana de Sinais) é estruturada tendo como base princípios semelhantes aos utilizados nas línguas orais, com isso passou-se a defender o estatuto de língua natural da língua de sinais.

Assim, iniciou-se uma nova linha de pesquisa nos estudos linguísticos e hoje, por ter *status* linguístico, as línguas de sinais apresentam reconhecimento de seus diferentes elementos, bem como das propriedades de articulação, ou seja, os sinais são compostos de elementos possíveis de compor um sistema linguístico, como a Libras.

Percebemos que existem no Brasil estudos que buscam entender como as línguas de sinais estão organizadas e intentam compreender o processo de variação linguística destas línguas, tendo como foco alguns aspectos que compõem a Libras, entre estes os seus parâmetros fonológicos: configuração de mão, movimento, ponto de articulação ou locação, orientação e expressões não manuais.

Em relação a variação linguística da Libras, Lima (2009) pontua que:

Os surdos do norte do Brasil usam bastante as expressões faciais e corporais, e que utilizam um espaço maior para realizar o sinal. Já os surdos de Manaus são os que mais apresentam variações, talvez pela distância do estado. Os do Rio de Janeiro usam mais o alfabeto manual em vez do sinal, característica própria dos surdos cariocas (LIMA, 2009, p. 74-75).

A variação linguística da Libras necessita de maior conhecimento e estudos mais aprofundados, pois temos línguas de sinais dos centros urbanos e línguas de sinais nativas, apresentando assim grande número de línguas de sinais.<sup>3</sup> Essas são entendidas como sendo a Língua Brasileira de Sinais, variando de estado para estado, bem como “de uma região para outra” (LIMA, 2009, p. 61).

---

<sup>3</sup> O conceito de línguas de sinais dos centros urbanos refere-se às utilizadas pelos surdos que vivem nos centros urbanos. O conceito de línguas de sinais nativas refere-se às utilizadas em pequenas comunidades pouco ou nada urbanizadas (LEITE; QUADROS, 2014).

Assim, podemos ter em um estado de nosso país algumas comunidades que usam determinados sinais diferentes de outros estados ou regiões. Isto comumente poderia significar a necessidade de padronização, no entanto se apresenta como delicado, pelo risco de extinção das línguas de sinais nativas e/ou aumento dos espaços de negociação linguística entre o surdo local e o surdo diaspórico.

Como foi dito, estas incursões diaspóricas carregam consigo as variações da Libras, que mexem com as línguas de sinais nativas, bem como, interferem na Libras. Isto irá reverberar, por um lado no enriquecimento e ampliação da Libras, por outro lado, teremos situações de risco de desaparecimento das línguas de sinais nativas usadas por pequenas comunidades (LEITE; QUADROS, 2014).

A este respeito Leite e Quadros (2014) advertem que os sinais criados quando não recebem valorização devida acabam se perdendo e assim podem desaparecer línguas de sinais inteiras e se perdem valores e riquezas de potencialidades linguísticas. Leite e Quadros (2014) mencionam ainda que a Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) possibilitou uma maior visibilidade da Libras em âmbito nacional, que repercutiu em uma avalanche de novos sinais que são criados cotidianamente com vista à ampliação de um vocabulário que é incorporado à Libras.

A Libras é uma língua dinâmica e diversificada que demonstra riqueza linguística em seus variados níveis. De acordo com a Lei 10.436/2002, a Libras é uma forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, permite a transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Neste sentido, notamos que ocorre uma possível in/exclusão dos surdos diaspóricos, uma vez que o que é conceituado por Lopes e Fabris (2013) a este respeito é que:

In/excluídos passa a ser um conceito que abrange tipos humanos diversos que vivem sob variadas condições, mas que carregam consigo uma história de discriminação negativa. [...] Entre os conceitos mobilizados está o de in/exclusão. Este surge para mostrar que, embora muitos estejam incluídos nas estatísticas e em alguns espaços físicos, boa parcela dos indivíduos ainda sofre com as práticas de inclusão excludentes (LOPES; FABRIS, 2013, p. 74).

Com isso, os surdos que apresentam características diaspóricas são sujeitos in/excluídos das comunidades locais de surdos, uma vez que podem estar no mesmo espaço físico, porém com um sentimento de não pertencimento, que é uma das características identificadas em indivíduos de diáspora.

### 3. Procedimentos metodológicos

Este estudo faz parte de uma pesquisa qualitativa que, segundo Chizzotti (2009, p. 79), “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito”. A pesquisa é caracterizada como um estudo de caso coletivo, pois este tipo de estudo, conforme Ludke e André (2003), consiste no fato de o pesquisador não se concentrar em um só caso, mas em vários casos para entender seu objeto.

Como estratégia para obtenção de dados, utilizamos entrevistas individuais com 03 (três) surdos que autorizaram que as entrevistas fossem videogravadas, para que assim pudéssemos fazer a caracterização/mapeamento do saber de experiências destes sujeitos. Utilizamos a entrevista videogravada, que conforme Carneiro e Nunes (2013), se torna um instrumento em que:

A filmagem é uma das formas de registro das línguas sinalizadas, e nesse caso, há necessidade de captar o sinalizador, já que a produção das palavras nas línguas de sinais é organizada a partir da articulação de fonemas em locais externos no corpo do sinalizador (CARNEIRO; NUNES, 2013, p. 9).

Com o uso do vídeo há um exame aprofundado do processo de sinalização em Libras, pois ele permite ver quantas vezes forem necessárias o que os entrevistados sinalizam. Assim, após a gravação das entrevistas em vídeo foi realizada a transcrição da fala (sinalização) dos entrevistados.

Nestas entrevistas utilizamos um roteiro com 3 (três) perguntas, que foi aplicado aos 3 (três) sujeitos surdos. O perfil dos sujeitos (idade, estado de origem, local atual de residência, motivo da mudança de sua terra natal e como aprenderam a língua de sinais) é apresentado no quadro a seguir:

**Quadro I:** perfil dos sujeitos participantes da pesquisa

Sujeitos	Idade	Origem/Local atual	Motivo da mudança	Aprendizado da Língua de Sinais
Nívea	31	Minas Gerais/Rio de Janeiro	Profissional	Aprendeu Libras aos 15 anos em uma escola regular inclusiva.
Sílvia	41	Rio de Janeiro/Pará	Familiar e educacional	Aprendeu Libras aos 19 anos no contexto da comunidade surda do Rio de Janeiro.
Leo	31	São Paulo/Rio de Janeiro	Profissional	Aprendeu Libras aos 13 anos no contexto de uma escola especial para surdos.

**Fonte:** Pesquisa dos autores, 2014.



Os 3 (três) sujeitos participantes da pesquisa foram selecionados a partir do seguinte critério: ser surdo e ser oriundo ou morador de centro urbano. O contato com os sujeitos da pesquisa aconteceu por meio do aplicativo *WhatsApp*<sup>4</sup> - aplicativo de mensagens multiplataforma - em que agendamos as entrevistas, para determinada data, horário e local escolhido pelos próprios sujeitos.

O tipo de registro das sinalizações realizadas em Libras pelos surdos foi feito em celular LG-L80 e Samsung S4. Pontuamos que antes de iniciar a vídeo gravação explicamos o objetivo do trabalho, como aconteceria a entrevista e o registro das sinalizações em Libras. Sendo assim, cada surdo sinalizou suas percepções a partir das três questões presentes no roteiro de entrevista.

Para este artigo empregamos nomes fictícios aos sujeitos; e para o tratamento destas sinalizações/narrativas obtidas nas entrevistas fizemos a identificação do *corpus* das respostas por meio de quadros onde introduzimos apenas as narrativas semelhantes no texto e que visam trazer um saber diaspórico possível para elucidação e reflexão.

#### **4. Estratégias complexas de identificação linguística mediante a interpelação diaspórica**

Com a leitura das entrevistas acerca da percepção de surdos de diáspora sobre a variação linguística da Libras e sobre as relações sociais presentes no contexto dessa variação linguística, efetivamos um mapeamento das mesmas com base em três categorias de identificações temáticas: a) a (não) aceitação da sinalização de surdos de diáspora; b) a influência sociocultural aos surdos de diáspora; e c) os modos de divulgação de neologismos na Libras.

Os resultados da análise das entrevistas com o aparato do poder diaspórico está sendo mapeado com afirmações de alguns autores, entre eles: Hall (2003) e Bhabha (1998), bem como, Oliveira e Stumpf (2013) entre outros.

##### **4.1 A (não) aceitação da sinalização de surdos de diáspora**

Nas narrativas dos sujeitos surdos de diáspora observamos aspectos relativos ao processo de aceitação e não aceitação da sinalização destes surdos, ou seja, ficou evidente que quando estes surdos sinalizam um determinado termo que não é comum da

---

<sup>4</sup> *WhatsApp* é um aplicativo da empresa *WhatsApp Inc.*, que “presta serviços de mensagens, ligações via Internet e outros serviços para usuários em todo o mundo” (WHATSAPP, 2016)

região em que agora estão inseridos, há aceitação por parte de outros surdos, porém há também não aceitação. Observemos os relatos expressos no quadro a seguir:

**Quadro II:** percepções sobre a aceitação ou não aceitação à sinalização de surdos de diáspora

<b>Nívea</b>	Concordo que se deve respeitar (...) cada surdo tem sua razão e deve respeitar seu sentimento em relação a sua sinalização, por isso acho que o respeito a essa variação é sim muito importante (...) é muito difícil porque muitos surdos tem a mente fechada, criam barreiras e não aceitam sinais de outros estados.
<b>Sílvia</b>	Percebo que aqui em Belém alguns aceitam e outros não aceitam, alguns reclamam para mim da minha sinalização, mas isso eu deixo livre, é uma questão linguística, é algo natural.
<b>Leo</b>	Já que me mudei de São Paulo para o Rio de Janeiro, durante a conversa [alguns surdos] percebem que meus sinais são característicos de outro lugar, alguns respeitam minha sinalização de outro lugar, outros não concordam e não respeitam.

**Fonte:** Pesquisa dos autores, 2014.

Percebemos que ocorre uma aceitação parcial e também a não aceitação da forma como os surdos de diáspora sinalizam determinados léxicos. Devido a este fenômeno é que pontuamos que os surdos podem ser classificados de surdos de diáspora por demonstrarem cumprir um dos requisitos delineados por Safran (1991), que é um sentimento parcial de distanciamento em relação à sociedade local em decorrência de um sentimento de não aceitação por parte dela.

Os surdos participantes desta pesquisa, categorizados aqui como surdos de diáspora, sentem-se como estrangeiros dentro da comunidade surda local a qual estão inseridos neste momento, devido as suas variações linguísticas, pois outros surdos “criam barreiras e não aceitam sinais de outros estados”. Esse sentimento de estrangeiro é definido por Hall como "estrangeiro familiar", que se refere a uma condição do indivíduo que tem a experiência de migração, vivendo assim uma relação diaspórica com a sua identidade, ou seja, uma “experiência de estar dentro e fora, o ‘estrangeiro familiar’” (HALL, 2003, p. 416).

O surdo diaspórico pode ser considerado um estrangeiro familiar, uma vez que ele está em contato com sujeito em mesmas condições, no caso são surdos e se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais, porém sentem-se estrangeiros, pois alguns surdos “não concordam e não respeitam” certos sinais que são sinalizados por este surdo de diáspora.

Nas falas percebemos que os surdos de diáspora fazem parte de um contexto multicultural que, de acordo com Hall (2003) é uma "sociedade na qual diferentes

comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original" (HALL, 2003, p. 52).

Ao mesmo tempo em que há a não aceitação, também existe a aceitação de alguns sinais que os surdos diaspóricos realizam. Sendo que, “alguns aceitam” ou “respeitam” essa variação linguística existente no seio das comunidades surdas e com isso, os surdos se expressam como se sentindo aceitos em determinados locais ou por determinados indivíduos da comunidade.

#### 4.2 A influência sociocultural aos surdos de diáspora

Os surdos de diáspora, ao relatarem sobre o processo de inserção sociocultural em outras localidades diferentes de sua terra natal, apresentaram elementos em suas falas referentes à influência da realidade sociocultural que agora vivenciam. Nas falas, foi perceptível que os mesmos apropriam-se da sinalização em Libras do novo contexto ao qual estão inseridos, respeitando a forma como a sinalização é realizada neste espaço sociocultural. Vejamos no quadro a seguir o que os surdos de diáspora afirmaram em seus relatos:

**Quadro III:** dizeres acerca da influência dos sinais da região que os surdos de diáspora vivenciam

<b>Nívea</b>	Quando cheguei no Rio de Janeiro havia muita diferença e eu não compreendia, por exemplo o sinal de “lindo” [configuração de mão em “X” com movimento partindo do espaço neutro e posicionando a lateral do dedo indicador no queixo], quando vi estranhei e perguntei o que significava, e me responderam que era “lindo”. Então um ou outro sinal fui acrescentando ao meu vocabulário aos poucos e consegui me adaptar, (...) eu já internalizei os sinais do Rio (...) No Rio de Janeiro sou professora, então preciso aceitar algumas mudanças e dou um jeito para dar aulas, mas não aceito mudar toda a minha forma de sinalização para a forma de sinalização do Rio.
<b>Sílvia</b>	Eu aceito outros sinais, mas isso depende de cada pessoa. Há esse problema em qualquer estado, mas eu respeito. Por exemplo, eu uso o sinal “Samsung” [mão de apoio em “B” aberto e mão dominante em “S”. A mão dominante passa uma vez pela lateral do indicador e pelo polegar da mão de apoio], mas aqui em Belém eles usam esse sinal [mão em “S” com a palma para frente e com um único movimento encosta o dorso da mão no centro da testa] (...), mas eu não vejo problema, eu respeito.
<b>Leo</b>	O mais importante disso tudo é a troca, pois eu preciso me apropriar dos sinais do Rio de Janeiro, não posso continuar sinalizando os sinais de São Paulo, pois eu estou no Rio de Janeiro, é como quando viajamos para outro país e não podemos falar português com as pessoas, e sim inglês, da mesma forma deve-se respeitar os sinais de onde se está.

**Fonte:** Pesquisa dos autores, 2014.

A aquisição do novo vocabulário por parte dos indivíduos de diáspora, sujeitos

desta pesquisa, é entendido por Bhabha (1998) quando descreve sobre o que a ação diaspórica motiva:

Essas esferas da vida são ligadas através de uma temporalidade intervalar que toma a medida de habitar em casa, ao mesmo tempo em que produz uma imagem do mundo da história. Este é o momento de distância estética que dá à narrativa uma dupla face que, como o sujeito sul-africano de cor, representa um hibridismo, uma diferença "interior", um sujeito que habita a borda de uma realidade "intervalar". E a inscrição dessa existência fronteiriça habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que cria a "imagem" discursiva na encruzilhada entre história e literatura, unindo a casa e o mundo (BHABHA, 1998, p. 33).

Essa interação ocorre com os surdos diaspóricos nos seus locais atuais, a partir do contato que se tem com a variação linguística – que também é existente nas diferentes regiões do Brasil entre os usuários da Língua Brasileira de Sinais – havendo uma aceitação às mudanças na forma de sinalização. Assim, para que as relações ocorram e continuem a fazer parte da constituição da personalidade desses sujeitos, o contexto sociocultural é algo essencial neste processo.

Partimos da percepção de Bhabha (1998) de que a inscrição da narrativa diaspórica acontece no sujeito e reverte para ele como uma aquisição híbrida, uma existência fronteiriça ao outro. Podemos dizer que os surdos de diáspora se constituem, enquanto sujeitos, tomando como ponto de partida as relações estabelecidas nos espaços de negociação que acontecem no plano social e no individual.

Isso tudo pode ser observado na fala da entrevistada Nívea, que se posiciona com aceitação ao novo vocabulário, apesar de não aceitar mudar todo o seu modo de sinalização. Sílvia revela que aceita outros sinais, e também Leo diz que não pode continuar sinalizando os sinais de seu local de origem. Com isso, percebemos aspectos referentes à influência sociocultural aos surdos de diáspora em suas questões fronteiriças de cultura.

Deste modo, a “nova” forma de sinalização incorporada pelos sujeitos diaspóricos reafirma a colocação de Bhabha (1998):

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entrelugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou a valor cultural são negociados (BHABHA, 1998, p. 20).

Desta forma, frisamos que a cultura local em que estamos inseridos contribui para as transformações na forma de expressão das ideias, influenciando na aceitação das mudanças linguísticas ocorridas no contexto cultural atual.

E tudo isso traz presente o princípio que Hall (2003) demonstra sobre como se sentem os sujeitos de diáspora em suas experiências diaspóricas, pois “esta é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais — não precisamos viajar muito longe para experimentar” (HALL, 2003, p. 27).

Compreendemos que a formação dos surdos de diáspora dá-se no contato com os surdos em um contexto sociocultural diferente de sua terra natal. Por este motivo, torna-se uma sensação de deslocamento, mas que é também familiar, uma vez que a forma de interação continua sendo por meio da língua de sinais.

#### **4.3 Os modos de divulgação de neologismos na Língua Brasileira de Sinais**

Como pontuamos, a Língua Brasileira de Sinais se ergue a partir de uma diversidade de línguas de sinais presentes nas diversas regiões de nosso país, o que impede uma unidade linguística padronizada. Além de ocorrerem variações linguísticas para sinalizar um único termo em Libras, dependendo do contexto sócio histórico onde este sinal é executado, Oliveira e Stumpf (2013, p. 220) citam ser “comum encontrar diferentes realizações de sinais para um mesmo conceito”.

Alguns sinais em Libras são influenciados também por fatores sociais e geográficos, assim como a criação de novos sinais (neologismos) se deixam influenciar por fatores socioculturais diversos. Por exemplo, o sinal “verde” é diferente em diversas regiões do Brasil, assim como os sinais: “fevereiro”, “inventar” etc. Tal fenômeno gera determinados conflitos entre surdos locais que se deparam com surdos de diáspora que usam sinais diferentes do contexto ao qual encontram-se inseridos.

Assim, questionados sobre este assunto, perguntamos aos entrevistados: quais seriam as formas de se criar neologismos em Libras e divulgá-los para que toda a população tivesse acesso a estes sinais? Vejamos o que estes nos responderam no quadro que se segue:

**Quadro IV:** relatos sobre as formas de divulgação de neologismos em Libras

<b>Nívea</b>	Acredito que pode-se fazer empréstimo sim [de sinais de outros estados ou regiões], algumas vezes em determinados locais não existe um sinal, pode-se pesquisar nos outros estados, registrar esses sinais e depois compartilhar.
<b>Sílvia</b>	A principal forma de criar sinal é pelos cursos de Letras Libras, que deixam livres os sinais, mas é preciso uma relação bem maior para que no futuro se haja uma forma de equiparar os sinais, mas isso agora é demorado, então temos que esperar as pesquisas avançarem. Podemos estar divulgando via <i>Facebook</i> , <i>WhatsApp</i> ou mesmo pessoalmente na relação e assim divulgando estes sinais novos e tornando algo natural.
<b>Leo</b>	A equipe do Letras Libras precisa desenvolver mais suas pesquisas (...) e precisam divulgar esses sinais novos (...) acredito que em Florianópolis a UFSC tem buscado igualar os sinais e por isso acabou se fortalecendo (...) muitos que saíram de seus estados para estudar na UFSC no curso de Letras Libras se apropriaram dos sinais e começaram a utilizá-los em sua região.

**Fonte:** Pesquisa dos autores, 2014.

Como foi observado no relato dos entrevistados, neologismo ocorre também na Libras, mas a sua equidade em nível nacional não é fácil, pois comunidades surdas em todo país discutem e criam neologismos para responder às suas necessidades comunicativas. No entanto, a ausência, durante muitos anos, de um meio de comunicação de massa para estas comunidades, acarretou a não difusão dos “novos sinais”.

Pontuamos que pesquisas já estão sendo realizadas a fim de contribuir para a ampliação do repertório lexicográfico da Libras, pois as dificuldades em relação à divulgação de neologismos aconteciam “por questões históricas – poucos registros ou mesmo ausência de interações entre comunidades surdas de diferentes regiões do país” (OLIVEIRA; STUMPF, 2013, p. 220).

Atualmente, já existem redes sociais digitais, como o *Facebook* (2015)<sup>5</sup> e o *WhatsApp* (2016), que são dispositivos aplicáveis a celulares e outras tecnologias e possibilitam a difusão dos “novos sinais”. No entanto, também existe um contexto cultural de não aceitação da sinalização de outros estados, e por esse motivo a igualdade na sinalização se torna difícil no seio da comunidade surda. Porém, não afirmamos que isso será impossível, em vista das novas tecnologias que podem contribuir para um cenário diferente no futuro.

Com isso, podemos tomar o posicionamento de Sílvia que sugere que, mesmo que sejam demoradas as pesquisas para a criação dos sinais, é possível contribuir para uma equiparação da forma de sinalizar. Isso pode acontecer por meio de redes sociais digitais

<sup>5</sup> *Facebook* é uma rede social que tem como missão “fornecer às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado” (FACEBOOK, 2015).

e de relações interpessoais, para divulgação dos sinais novos criados e a tentativa de que os surdos de diversas regiões sinalizem de forma equiparada.

Dessa forma, com o uso das redes sociais digitais para produção e compartilhamento de neologismos na Libras, há a possibilidade dos surdos diaspóricos validarem suas variações regionais e também contribuir para a divulgação dos sinais já convencionados em sua região de origem, possibilitando assim uma ampliação cultural, tanto da comunidade surda brasileira, como dos surdos “estrangeiros” em outros estados.

Hall (2003) assim explica:

A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de "pertencimento cultural", mas abarcar os processos mais amplos - o jogo da semelhança e da diferença - que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da 'diáspora', que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna (HALL, 2003, p. 47).

O caminho a ser seguido para os surdos é de aproximar os mundos. Um bom espaço é o das redes sociais digitais, uma vez que por meio destas tecnologias torna-se possível estabelecer diálogos entre as culturas e línguas, podendo romper com a ideia de que há uma cultura superior a outra, uma língua superior a outra. Surdos de diáspora são, em sua essência, tão humanos quanto qualquer cidadão de nossa sociedade e são dignos de serem respeitados, valorizados e aceitos linguisticamente e culturalmente em qualquer região do país.

## Para não concluir...

Pesquisar a partir dos pressupostos teórico-epistemológicos referentes à teoria da “Diáspora” de James Clifford (1994) e Stuart Hall (2003), tem caráter enriquecedor e gratificante para nossa formação enquanto pesquisadores, pois as leituras possibilitaram-nos entender as ideias e opiniões de sujeitos surdos que constroem sua identidade cultural em meio a um contexto sociocultural diferente de seu local de origem.

Objetivamos com este artigo investigar como surdos de diáspora observam a questão da variação linguística da Libras, assim como, identificar os embates nos espaços de negociação a respeito do contexto dessa variação. A partir das entrevistas efetuadas com os surdos de diáspora, foi possível detectar três categorias de análises temáticas: a) a (não) aceitação da sinalização de surdos de diáspora; b) a influência sociocultural aos surdos de diáspora; e c) os modos de divulgação de neologismos da Libras.

Assim, concluímos que, pela transformação ocasionada pela experiência diaspórica, esses indivíduos surdos apresentam um sentimento de não estar em casa, nem em seu contexto atual, por não internalizar totalmente a cultura local e por ainda manter suas características culturais que os identificam como pertencentes ao seu local de origem, como também não possuem mais uma “cultura pura” em relação a própria origem.

Indicamos que a prática do respeito mútuo, da aceitação e da valorização durante a socialização no contexto atual, pode contribuir para uma redução desse sentimento de “não estarmos em casa”, contribuindo para a formação de uma nova identidade cultural, haja vista que Hall (2003, p. 44) diz que "estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar".

A sociedade deve primar pela construção de políticas linguísticas, pois não somente o surdo, mas os habitantes de fronteiras, bem como, os imigrantes sofrem com a “agressão as suas línguas”. Assim, torna-se imprescindível efetivar políticas linguísticas como a de registro das línguas e de promoção de pesquisas e divulgação de resultados. Tudo isto poderá trazer mais respeito e valorização às diferenças, para que assim possamos criar espaços mais harmônicos de convivência entre todos, inclusive entre o surdo diaspórico e o surdo local.

## Referências

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRASIL. *Lei 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>. Acesso em: 20 janeiro 2015.

CARNEIRO, B. G; NUNES, E. F. Estratégias de Tradução do Português escrito para a Libras: uma proposta de atuação para o Intérprete Educacional. EAA-Editora Arara Azul Ltda, Centro Virtual de Cultura Surda - *Revista Virtual de Cultura Surda*. Edição nº 11 / Junho de 2013.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CLIFFORD, J. Further Inflections: Toward Ethnographies of the Future. *Cultural Anthropology*. v. 9, n. 3, (Aug., 1994), p. 302-338.

FACEBOOK. *Termos e políticas do Facebook*, de 30 de janeiro de 2015. Disponível em <<https://www.facebook.com/policies?ref=pf>>. Acesso em: 24 março 2017.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.



- LEITE, T.; QUADROS, R. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: QUADROS, Ronice et al. (Org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*, v. VII. Florianópolis: Insular, 2014.
- LIMA, K. do S. C. *Educação de Surdos no contexto amazônico: um estudo da variação linguística na Libras*. Dissertação de Mestrado da UEPA, Belém, 2009.
- LOPES, M. C.; FABRIS, E. H. *Inclusão & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Paulo: Editora Atheneu, 2003.
- OLIVEIRA, J. S; STUMPF, Marianne. R. Desenvolvimento de glossário de Sinais Acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras-Libras. *Informática na educação: teoria & prática*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 2013.
- PERLIN, G. *Identidades Surdas*. (2001) Disponível em <[http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=1347&cod\\_canal=11](http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=1347&cod_canal=11)>. Acesso em: 05 dezembro 2014.
- SAFRAN, W. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. *Diáspora*, v. 1, n. 1, 1991.
- STOKOE, W. C. *Sign Language Structure: an outline of the visual communication system of the american deaf*. New York: Buffalo University, 1960.
- WHATSAPP. *Termos de serviço do WhatsApp*, de 25 de agosto de 2016. Disponível em <<https://www.whatsapp.com/legal/#terms-of-service>>. Acesso em: 24 março 2017

Submetido em 27 /01/2017 aprovado em. 29/04/2017